



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1429

“O QUE TEMOS PRA HOJE É SAUDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE O “FENÔMENO” CRISTIANO ARAÚJO E O MERCADO DA MÚSICA SERTANEJA UNIVERSITÁRIA

Aluno: Gabriel Barbosa Rossi da Silva

Orientadora: Geni Rosa Duarte

Programa de Pós-Graduação em História – UNIOESTE

Palavras-chave: Música Sertaneja; Sertanejo Universitário; Cristiano Araújo

Financiamento: Fundação Araucária (bolsa junto ao Programa de Pós-graduação em História da UNIOESTE)

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar algumas questões que possibilitem uma análise do mercado, no século XXI, da música sertaneja dirigida ao público jovem, considerando a dimensão que esse setor ganhou a partir de finais do século XX. A partir da morte do cantor Cristiano Araújo em junho de 2015, discussões foram levantadas pela grande mídia, sobre quais espaços são ocupados pelo segmento da música sertaneja atual dentro do mercado fonográfico. Existe um Sertanejo Universitário que participa das grandes redes com, por exemplo, Michel Teló. Cantor que conseguiu produzir um hit que alcançou outro patamar da música dentro desse mercado, com a canção “Ai se eu te pego”. Porém existem também artistas mais regionais, que surgem de forma “artesanal”, e que tentam também se impor dentro desse mercado, mas ainda compõem um mercado alternativo, que acabam por fazer parte esses cantores tão conhecidos e ao mesmo tempo anônimos, caso de Cristiano Araújo que mesmo dispendo de uma quantidade significativa de fãs, gerou grande discussão com a pergunta: “Quem era Cristiano Araújo? ”.

Introdução

Na manhã de 24 de junho de 2015 o país acordou com a trágica notícia: “Cantor Cristiano Araújo morre após acidente de carro em GO”¹. O acidente ocorreu na BR-153 em Morrinhos – GO quando Cristiano voltava de um show em Itumbiara, também em Goiás, culminando com a morte do cantor sertanejo e de sua namorada Allana Coelho Pinto de Moraes, de 19 anos.

Os primeiros noticiários, a partir das 7 horas da manhã, começaram por divulgar o acidente, com a informação de que a apenas Allana havia morrido e que o cantor estava em estado gravíssimo no Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO). A partir das 8:30h da manhã, com a confirmação oficial da morte por parte do hospital, a divulgação da tragédia nos principais veículos midiáticos foi intensa, com cobertura total da emissora de televisão Globo, incluindo todo o velório e sepultamento.

Uma das primeiras pessoas a noticiar o ocorrido em rede nacional foi a apresentadora Ana Maria Braga, no programa “Mais Você”, que abriu a programação numa tentativa de condolências com a música “Hoje eu tô terrível”, criando uma tensa contradição entre animação e pesar. No decorrer da manhã, a morte do cantor se transformou em pauta entre os grandes programas que ocupam algum espaço em rede nacional. O programa “Encontro” de Fátima Bernardes, chegou a entrevistar alguns cantores próximos (ou não) do músico, como Sorocaba, da dupla Fernando e Sorocaba.

Ao final da entrevista surge mais uma entre tantas confusões que a morte trágica de Cristiano propiciou, Fátima chama Sorocaba pelo nome de Cristiano, pede perdão e corrige, porém, ao encerrar o programa, troca o nome de Cristiano Araújo por Cristiano Ronaldo, jogador de futebol vinculado ao clube espanhol Real Madrid, eleito melhor jogador do mundo no início de 2015:

"Fiquem com a imagem do Cristiano Ronaldo para a gente lembrar e prestar a nossa solidariedade, a nossa homenagem a ele e às famílias"²

¹ Ver notícia sobre o acidente e morte do cantor Cristiano Araújo em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/06/cantor-cristiano-araujo-morre-apos-acidente-de-carro-em-goias.html>. Acessado em: 02/08/2015

² Vem trecho do programa Encontro em: <http://www.youtube.com/watch?v=BIHGKVVN9Is>. Acessado em: 02/08/2015

Para em seguida se desculpar e corrigir “ Cristiano Araújo, meu Deus do céu!”. Ainda no mesmo dia, no programa “Vídeo Show”, conduzido por Mônica Iozzi e Otaviano Costa, durante uma entrevista com a atriz Roberta Rodriguez, a repórter Marcela Monteiro comete o mesmo erro que Fátima Bernardes e “mata” novamente Cristiano Ronaldo.

Por todo o dia 24 de junho a Globo e alguns outros canais, tanto da TV aberta quanto canais via Cabo, transmitiram relances e cobriram o velório do cantor que chegou a receber por volta de 45 mil pessoas, fato noticiado novamente no “Mais Você”, já no dia do enterro, 25 de junho. Esta é a vez de Ana Maria Braga trocar o nome do cantor por outro, dessa vez, “matando” o cantor Leonardo, nome artístico de Emival, que na década de 1990 fazia dupla com seu irmão Luís José da Costa, o Leandro, que também veio a falecer, mas por conta de um câncer em 23 de junho de 1998.

Assim como o velório de Leandro, que recebeu mais de 16 mil pessoas, incluído autoridades da época, como prefeitos, governadores e o presidente da república, o velório de Cristiano Araújo também foi alvo de grande comoção do público, que formou fila imensa e contou com a presença de famosos e de autoridades, recebendo quase o triplo de visitantes que o velório de Leandro, que ao lado de Leonardo, na época, fazia parte de uma das duas duplas mais conhecidas desde o final da década de 1980.

Leandro acabou eternizado como um símbolo da música sertaneja da época, tal imensa cobertura midiática durante dias após seu enterro. Bem como Leandro, a partir do momento da morte, Cristiano começou a ser destacado por diversos veículos da mídia como um dos principais nomes do sertanejo universitário, e que estava no ponto mais elevado de sua carreira como cantor até então. Mas ainda fica a dúvida perene dentro desses próprios meios, dúvida que na maioria das vezes surgiu de forma implícita como já foi apresentada nas citações acima: “quem é Cristiano Araújo? ”. Reconhecido pela grande mídia como um dos principais nomes do segmento “universitário”, apenas após a morte, o cantor em vida realmente fez parte da alavanca de transformação desse movimento, por isso tal confusão. Cristiano não aparecia com frequência na televisão, então como poderia ter tantos

fãs? Era conhecido em diversas regiões do Brasil, regiões interioranas em sua maioria, graças ao mesmo processo que levou essa nova fase “universitária” da música sertaneja, tão longe, a divulgação dentro de pequenos nichos de públicos, e claro, a internet.

Objetivos

Como Leandro, Cristiano Melo de Araújo³ começou a carreira de cantor cedo, tendo como referência grandes nomes da música de sua época. Esses dois cantores tentaram por vezes até conseguir emplacar um hit que impulsionasse sua carreira. No caso de Leandro e Leornado, em atividade desde 1983, esse hit marcante só apareceu no terceiro disco da dupla, é o caso de “Entre tapas e beijos”, no ano de 1989. Com Cristiano Araújo, sua tentativa de carreira solo se inicia em 2010, após inúmeras tentativas de formação de duplas, onde, nenhuma delas teve grande alcance. No ano de 2011 Cristiano lança um DVD com algumas participações especiais, onde a principal delas é a dupla Jorge e Mateus que fazem uma ponta na canção “Efeitos”, composta e interpretada por Cristiano e que finalmente o tirou do anonimato definitivo.

Assim como o sertanejo dos anos de 1980 e 1990 e até mesmo em suas fases anteriores, o sertanejo universitário também precisou de uma canção que aglutinasse a maioria das identificações musicais espalhadas por aquele segmento e os impulsione para formar uma massa única desse segmento. Como afirma Gustavo Alonso em seu recente livro “Cowboys do Asfalto”:

Na década de 1980 a música sertaneja também se firmou. O que era antes uma agremiação de gêneros e estilos musicais diversos tornou-se gradativamente uma identidade consolidada. “Sertanejo” entronizou-se como um tipo de música, uma identidade musical facilmente associada a determinados artistas e público.⁴

³ Ver site oficial do cantor Cristiano Araújo em: <http://www.cristianoaraujooficial.com.br/>. Acessado em 24/06/2015

⁴ ALONSO, Gustavo. Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. P. 199. 2015

No caso de 1980, temos “Fio de Cabelo” da dupla Chitãozinho e Xororó em 1982 e “Entre Tapas e Beijos” de Leandro em Leonardo em 1989. A partir da década de 1991 Zezé Di Camargo e Luciano lançam o hit “É o amor” e alcançam Leandro e Leonardo, que voltam a se firmar no mercado em 1993 com a canção “Pense em Mim” de seu quarto disco.

Em 2002, João Bosco e Vinicius lançaram seu primeiro CD “não oficial”. Esse CD é considerado por alguns nomes do segmento pelo precursor de águas do movimento “universitário”, tanto os artistas dessa nova fase como os produtores não são exceção. “Os universitários, como se diziam, não tinham uma qualidade muito boa de gravação”, disse Dudu Borges, produtor musical de Bruno e Marrone, Bruninho e Davi, João Bosco e Vinicius, Cristiano Araújo, entre tantos outros. Ao que concorda Bruninho, da dupla Bruninho e Davi: “Eles foram fazendo aquilo que eles acreditavam, eu vi um comecinho, um CD que era ruim demais, era ruim demais. Eu trabalhava num camelô de um amigo meu no final do ano vendendo CD pirata na época e toda minha grana que eu ganhava eu comprava CD do João Bosco e Vinicius pra revender, por que na época vendia muito”.⁵

Tal disco é considerado a gênese do movimento universitário, por ter conseguido se sobressair dentro de um pequeno mercado regional e que teve capacidade de espalhar o nome da dupla, bem como consolidá-los praticamente como precursores do sertanejo “universitário”, graças ao público que os assistia em bares da região de Coxim, pequena cidade no mato grosso do Sul, de onde a dupla começou a cantar⁶. Os diversos discos e singles de cantores posteriores a isso, baseiam-se muito na mesma forma de produção, com algumas músicas de trabalho originais e um vasto repertório de canções ícones da música sertaneja, passando de Tião Carreiro e Pardinho, Chitãozinho e Xororó a Leandro e Leonardo. Casos como de Jorge e Mateus, Victor e Léo e César Menotti e Fabiano são exemplos de discos que seguiram essa mesma ideia, baseada no mesmo público que compunham as plateias desses shows.

⁵ Dudu Borges e Bruninho (Bruninho e Davi) em entrevista à página oficial do produtor Dudu Borges no Facebook. <https://www.facebook.com/duduborgesvip/videos/603688743068218/>

⁶ Ver site oficial da dupla João Bosco e Vinicius em: <http://www.jbev.com.br/index.php/biografia/>. Acessado em: 12/08/2015

Isso vai redirecionando esses álbuns tanto pelo quanto a plateia se identifica com essas canções, como quanto a própria produtora “abraça” esse novo público. No discurso da própria dupla, João Bosco e Vinicius afirmam que os universitários das pequenas cidades do interior, principalmente de Mato Grosso do Sul, saiam desses pequenos centros para estudarem nas capitais, e quando esses artistas iam tocar nessas grandes cidades, a principal plateia eram esses mesmos universitários das cidades do interior. Ou seja, as primeiras formas de transformação desse segmento foi a própria divulgação do mesmo, e que, a cada música ou CD novo de um novo artista que incorporasse um pouco disso, esse público heterogêneo, que se identificava com diversos hibridismos presentes nessas canções o ajudasse a aglutinar no todo que formaria o “sertanejo universitário”.

“Abordar a música sertaneja como gênero musical significa observá-la como um conjunto estável de enunciados, reconhecidos (e, portanto, chancelados) por uma audiência específica. Esta audiência, seu público, é formada por uma heterogeneidade de sujeitos que possuem uma competência variável no reconhecimento destes enunciados. Isto equivale dizer que uma exegese das formas e dos estilos dos enunciados típicos da música sertaneja varia de acordo com o grau de envolvimento dos sujeitos com o gênero, com sua posição no interior do campo social organizado em torno destes enunciados.”⁷

Em 2009 os mesmos cantores Lançam o CD “Curtição” com a música “Chora, me liga”, apresentando então o primeiro hit que redireciona novamente os caminhos da música sertaneja, e das produtoras. “Chora, me liga” é seguido por “Balada boa” de Gustavo Lima em 2011 e “Ai se eu te pego” de Michel Teló em 2012.

Com o vídeo clipe lançado em 2013 a canção “Efeitos” colocou Cristiano no rumo de uma música de trabalho considerada maior que a outra, ano após ano, cada vez mais tocadas nas rádios, e fazendo cada vez mais participações especiais em shows de colegas do ramo. O clipe tem até agora mais de 12 milhões de visualizações no YouTube⁸.

No final de 2014 o cantor gravou seu quarto disco intitulado “in the cities”, onde toda a produção e o próprio nome do disco foram baseados na faixa número

⁷ OLIVEIRA, Allan de Paula. Miguilim foi pra cidade ser cantor: Uma antropologia da música sertaneja. Tese. Florianópolis. P. 37. 2009

⁸Ver Videoclipe da Música Efeitos em: <http://www.youtube.com/watch?v=iyeVHxeCZH0>, acessado em 11/08/2015

10 do CD, “Blackout”. Esse CD fez com que três músicas conseguissem atingir uma boa marca em rádios de todo o país, “Maus bocados”, “Hoje eu tô terrível” e “Cê que sabe” tornaram Cristiano um pouco mais conhecido e sendo também responsável pelo reconhecimento e comoção após sua morte.

Cristiano Araújo vem de uma leva nova de cantores da fase “universitária” da música sertaneja que canta músicas menos bucólicas e que mais animadas, com temas cotidianos urbanos e reflexos de uma sociedade de consumo, festas, amores, luxos. Tudo isso representa um público que se identifica com essas ações, gosta delas e gosta de ouvir sobre elas. Esse público é heterogêneo, não é passivo e sabe reconhecer e compartilhar essa música. O caso de Cristiano não é diferente de vários outros casos de artistas com famas regionais que foram comprados pelas grandes gravadoras só muito mais tarde, com um público já consolidado graças principalmente à internet.

O “causador de efeitos”, como ficou conhecido o cantor, é o resultado de uma série de mudanças no mercado fonográfico - graças a internet e a pirataria - que diferente das últimas duas décadas não precisa mais do rádio ou da televisão para criar a fama de um artista. Esses cantores agora fazem parte de um movimento que cresce de dentro para fora e não apenas “cresce” como o caso dos cantores do século XX. Cristiano Araújo, Michel Teló e tantos outros fizeram um sucesso muito mais amplo e muito mais rápido do que cantores da geração de Chitãozinho e Xororó e Leandro e Leonardo jamais sonhariam em conseguir.

Mesmo que as gravadoras, a televisão ou as rádios não conheçam esses artistas, eles tem um público consolidado sim, que se identifica, se emociona e sente falta desses artistas em casos como o de Cristiano, resultado das muitas mudanças sociais da sociedade contemporânea e da própria indústria musical.

Considerações Finais

O “Chora, me liga” de João Bosco e Vinicius em 2009 foi a porta de abertura para os cantores da geração de Cristiano Araújo. Chora me liga alterou o modo de cantar o relacionamento no sertanejo universitário. Até 2009 as canções predominantemente faziam sucesso a partir de um amor romântico e poético, que

tinha raízes ainda no sertanejo feito por Zezé di Camargo e Luciano e Leandro e Leonardo. Aquele sentimento bucólico agora dá lugar ao amor passageiro, onde o fim de um relacionamento não é mais triste, agora ele é visto com otimismo. Permitindo que as canções de Cristiano Araújo, por exemplo, “Hoje eu tô terrível”, tivessem um acesso mais fácil ao mercado, influenciando também outros artistas.

Junto com João Bosco e Vinicius, Jorge e Mateus, César Menotti e Fabiano, Gustavo Lima, Michel Teló, Victor e Léo e Luan Santana, Cristiano foi o mais recente nome dentro desses principais representantes de uma nova roupagem da música sertaneja que acabou direcionada a imagem de um mesmo segmento, que agora se firmava dentro de um mercado que começou no interior e vem crescendo cada vez mais. Porém, assim como ocorreu em 2002 com João Bosco e Vinicius, que vieram de uma produção artesanal até serem considerados os precursores dessa nova fase da música sertaneja, outros artistas ainda iniciam suas carreiras dessa forma, até que encontram um hit que possa ser aceito pelo grande mercado e impulsione ainda mais esses cantores, como no caso mais recente e comentado, aconteceu com Cristiano Araújo.

Bibliografia

ADORNO, T e HORKHEIMER, M. “A indústria cultural e o iluminismo como mistificação das massas” IN: **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto**: música sertaneja e modernização brasileira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015

BAUMAN, Zygmunt 2005. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora**: música sertaneja e indústria cultural. Cia Ed. Nacional. São Paulo. 1977.

MARTINS, José de Souza. 1974. “Viola quebrada”, in **Revista Debate & Crítica**. São Paulo, Editora HUCITEC Ltda, no. 4.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música** – história cultural da música popular / Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NEPOMUCENO, Rosa. **Musica caipira**: da roça ao rodeio. Editora 34. São Paulo. 1999.

OLIVEIRA, Allan de Paula. **Miguilim foi pra cidade ser cantor**: Uma antropologia da música sertaneja. Tese. Florianópolis. 2009.

PIRES, Cornélio, **Conversas ao Pé do Fogo**, IMESP, 1984. São Paulo: Tipografia Piratininga. 1921.

SANT’ANNA, Romildo. **A moda é viola**: ensaio do cantar caipira. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, SP: Ed.UNIMAR. 2000.

ZAN, José Roberto. **(Des)Territorialização e novos hibridismos na música sertaneja**. (PDF).

ZAN, José Roberto. **Música popular brasileira, indústria cultural e identidade**. Grupo de Trabalho no XIII Encontro da ANPPOM. In: Eccos Revista Científica, nº 1, vol.3, ano 001. São Paulo: Uninove, 2001.

ZAN, José Roberto. **Tradição e assimilação na música sertaneja.** (PDF).